

MIGRANTE E REFUGIADO EMPREENDEDOR (DE SI): MODOS VERNÁCULOS DE TRABALHO IMATERIAL COMO (RE)INVENÇÃO NO PAÍS DE DESTINO

LAURA ALVES SCHERER

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA - UNIPAMPA (UNIPAMPA)

CARMEM LÍGIA IOCHINS GRISCI

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL (UFRGS)

Agradecimento à órgão de fomento:

Agradecimentos à CAPES/PDSE - Processo n. 88881.190579/2018-01

MIGRANTE E REFUGIADO EMPREENDEDOR (DE SI): MODOS VERNÁCULOS DE TRABALHO IMATERIAL COMO (RE)INVENÇÃO NO PAÍS DE DESTINO

INTRODUÇÃO

Os fluxos migratórios acompanham a história da humanidade e se configuram como fenômeno misto, complexo e multifacetado, tendo, nos últimos anos, alcançado patamares históricos que continuam em ascensão (UNHCR, 2019). O Brasil tem sido destino de indivíduos que tradicionalmente não migravam para o país, como os migrantes econômicos e refugiados do sul global - africanos, árabes, caribenhos e latinos (BRASIL, 2018).

O migrante econômico é aquele que migra em função de cenários de baixa qualidade de vida ou de colapsos econômicos, financeiros e políticos que não permitem condições de vida satisfatórias no seu país (IOM, 2019). O refugiado é aquele que foge devido a fundado temor de perseguição por motivo de raça, religião, nacionalidade, grupo social, opiniões políticas ou devido à grave e generalizada violação de direitos humanos (UNHCR, 2019). Ambos, ao chegarem em terras estrangeiras têm necessidade de acolhida e de oportunidades de trabalho para recomeçarem suas vidas (SAYAD, 1979; UNHCR, 2019).

Diante disso, evidenciam-se processos de individualização/serialização (GUATTARI; ROLNIK, 1996) de migrantes e refugiados em uma sociedade que comumente lhes atribui rótulos de “coitados” e “desqualificados”, mesmo quando possuem qualificação (ALTENRIED et al., 2018), limitando-os aos postos mais precarizados do mercado de trabalho (SAYAD, 1979), aqueles que os nativos não querem ocupar (HILARIO et al., 2018). Por outro lado, De Genova, Garelli e Tazzioli (2018) sugerem que é possível identificar modos de singularização nesse processo, enxergando além dos estereótipos.

Nesse sentido, toma-se a abordagem teórica da Autonomia das Migrações, que não desconsidera o comportamento da sociedade hegemônica enquanto agente perpetuadora de preconceitos, exclusão e dominação, mas avança ao visar os tensionamentos subjetivos desses migrantes e refugiados em busca de (re)invenção e singularização, especialmente relativos ao trabalho (MEZZADRA, 2012). Da mesma forma, entende-se o trabalho na perspectiva do trabalho imaterial, compreendendo-o como as atividades corporais, manuais, intelectuais, criativas, afetivas e comunicativas que mobilizam o trabalhador a produzir-se para o trabalho (GRISCI, 2011; LAZZARATO; NEGRI, 2001). Desse modo, ao rentabilizar seus saberes, capacidades e bagagem cultural, o indivíduo se torna um empreendedor (de si mesmo), gerando valor para o trabalho (GAULEJAC, 2007; GORZ, 2005).

Assim sendo, considerando que migrantes e refugiados busquem se distanciar do mercado de trabalho precarizado que geralmente lhes cabe devido aos arranjos globais da ordem capitalista, torna-se pertinente a argumentação de que pela via do trabalho imaterial desponta a (re)invenção de modos de viver de migrantes e refugiados no país de destino. A partir disso, objetivou-se analisar modos de singularização de migrantes e refugiados a partir da criação de atividades laborais na perspectiva do trabalho imaterial.

Para tanto, realizou-se uma cartografia, que permitiu uma experimentação de uma das pesquisadoras como *flâneur*-cartógrafa na cidade de Porto Alegre (RS, Brasil). E, assim, possibilitou a participação-intervenção em um território formado por 36 eventos-atividades, cinco informantes-chave e 16 migrantes econômicos e refugiados que desenvolvem trabalhos nas áreas de música, dança, alimentação, moda, idioma e representação político-cultural, utilizando referências de seus países de origem, que são Venezuela, Haiti, Síria, Senegal, Costa do Marfim e Nigéria.

O presente artigo é parte de uma pesquisa de tese de doutorado que abrangeu o percurso de migração/refúgio de modo mais amplo, desde a vida no país de origem até o momento presente no país de destino. Neste artigo, o foco e contribuição recai no processo no país de destino que envolve a fuga de um mercado de trabalho precarizado e desvalorizado

socialmente à (re)invenção de si a partir do trabalho imaterial e, portanto, da valorização das referências de seus países de origem e da própria situação de migração e refúgio.

AUTONOMIA DAS MIGRAÇÕES

O trabalho condiciona toda a existência do imigrante. Porém, não se trata de qualquer trabalho, nem é possível encontrá-lo em qualquer lugar. Na década de 1970, Sayad (1979, p. 55) já alertava que o trabalho disponível para imigrantes – e hoje também para refugiados – “é o trabalho que o ‘mercado de trabalho *para* imigrantes’ lhe[s] atribui e no lugar em que lhe[s] é atribuído: trabalhos para imigrantes que requerem, pois, imigrantes”. Essa concepção ainda persiste e está em consonância com Marinucci (2017), que ressalta que aos migrantes e refugiados da atualidade são destinados os nichos laborais mais precários e subpagos, o que faz com que deixem de ser um valioso instrumento de incorporação nas sociedades de chegada para se tornar um vetor de discriminação e exclusão social.

Embora a Autonomia das Migrações não desconsidere tal abordagem, Mezzadra (2012) argumenta que, na visão desta, os processos de exclusão, estigmatização e discriminação, tantas vezes ressaltados na literatura, aparecem como efeitos colaterais do capitalismo, sem levar em conta o que de fato está acontecendo em movimentos de lutas e resistências para adentrar esses pré-conceitos.

Nesse sentido, a Autonomia das Migrações é voltada, essencialmente, aos processos de subjetivação, que fazem o migrante sair de sua terra em direção à outra, e aos modos de singularização, relacionados ao trabalho no sistema capitalista, caracterizando um movimento de Multidão. Multidão é o conceito utilizado por autores como Hardt e Negri (2005), Corsini (2007), Mezzadra (2012) e Negri (2018) para se referir a um conjunto de singularidades de dimensões política, produtiva e de classe. A Multidão se move por necessidades e desejos, formando laços afetivos e de cooperação em seu percurso. Para Mezzadra (2012), a Multidão formada pelas migrações é capaz de construir “pontes” e destruir muitos “muros”.

A perspectiva da autonomia voltada às migrações, ainda conforme Mezzadra (2012), surge no final dos anos 1980 em um contexto em que se fortalecia o regime de produção pós-fordista, o qual se caracteriza pelas mudanças no mercado de trabalho marcadas pela precarização e flexibilização. Dessa forma, a abordagem autonomista considera as migrações sob a lente da “composição do trabalho vivo e da produção de subjetividade ligada à mercantilização da força de trabalho”. Interessam-lhe as tensões e os conflitos produzidos no cotidiano entre a “ação de dispositivos heterogêneos de assujeitamento” e a “multiplicidade de práticas de subjetivação”. Tais heterogeneidades se caracterizam, de um lado, pelas tentativas de controle das migrações para transformar o migrante em um ser assujeitado e, de outro, pelas práticas de expressão de autonomia (MEZZADRA, 2012, p. 71).

Em outras palavras, a partir da visão ampliada de Guattari e Rolnik (1996) acerca de subjetividade, pode-se dizer que as particularidades vivenciadas por um indivíduo permitem que as subjetividades oscilem entre duas extremidades. De um lado, o indivíduo se submete às subjetividades recebidas em um movimento de alienação e opressão, denominado modo de individuação. De outro, o indivíduo consegue se reapropriar dos componentes de subjetividade recebidos em um movimento de expressão e criação, o que se configura em um modo de singularização. Nesse sentido, as subjetividades são coletivas e, ao se associarem e aglomerarem, resultam em processo de singularização – uma afirmação de outras maneiras de ser, outras sensibilidades, outras percepções. As transformações que ocorrem no mundo advêm desse processo, que nada mais é do que a expressão de fatores de resistência ao controle social, à serialização (GUATTARI; ROLNIK, 1996).

Para os autonomistas, a mobilidade é um direito, e a migração é uma força criativa no interior das estruturas sociais, culturais e econômicas. Observa-se que a abordagem tem a intenção de contribuir para uma visão de alguém que está buscando se (re)inventar, que se

move porque, em meio à produção de subjetividades, surgem singularidades. Portanto, é condizente ao trabalho imaterial, que além de produzir valor econômico, gera formas de vida. Não se trata de uma visão romantizada de um migrante que se desloca exclusivamente pela sua autonomia, mas que traz luz a esse elemento (MEZZADRA, 2012).

TRABALHO IMATERIAL

O trabalho imaterial, conforme Grisci (2011, p. 456), refere-se ao “conjunto de atividades corporais, intelectuais, criativas, afetivas e comunicativas inerentes ao trabalhador, atualmente valorizadas e demandadas como norma impositiva que torna o trabalhador sujeito ativo do trabalho e como condição indispensável à produção”. Desse modo, a base da produtividade se torna a subjetividade, o investimento no cérebro humano socializado, que requer o máximo de liberdade e de ruptura da relação disciplinar nas fábricas e o máximo de liberdade no trabalho (NEGRI, 2001). Na visão de Cocco (2001), o trabalho imaterial se apresenta até mesmo para os trabalhadores que estão na informalidade e em formatos precarizados de trabalho (e de vida). Ao se depararem com a ausência de Estado, esses indivíduos são capazes de se mobilizar em uma verdadeira inserção cidadã de trabalhadores.

Trabalho imaterial se trata, ainda, de uma força de trabalho social e autônoma (LAZZARATO; NEGRI, 2001), que se constitui sob formas coletivas de redes, de fluxos e de cooperação, uma cooperação produtiva por meio da vida (NEGRI, 2001). Como potência de agir em direção ao trabalho imaterial, pode-se considerar o afeto, isto é, uma expansão singular e, ao mesmo tempo, universal. Singular porque põe o agir para além de qualquer medida que a potência não contém em si mesma, em sua própria estrutura e nas reestruturações contínuas que ela constrói. Universal porque os afetos constroem uma comunidade de sujeitos (NEGRI, 2001). Na mesma linha, pode-se considerar a política, aquela relacionada às atividades que, pelo exercício do diálogo, buscam articulação coletiva e ajudam a compor a existência de determinados grupos (MANSANO; CARVALHO, 2015).

Gorz (2005) explica que trabalhadores pós-fordistas do trabalho imaterial entram em processo de produção com toda a bagagem cultural e a diversidade de capacidades heterogêneas desenvolvidas fora do trabalho estimulando a vivacidade e a cooperação. Os modos de trabalhar pós-fordistas se apropriam também do saber vernacular, explorando-o. São saberes dos mais heterogêneos, como o cálculo matemático, a retórica, a arte, a pesquisa técnico-científica, as normas estéticas. Assim, o trabalho do sujeito é produzir a si mesmo continuamente por meio de saberes que são fonte de criação de valor (GORZ, 2005).

A utilização do próprio potencial de desenvolvimento alinhado a uma boa gestão de si, na perspectiva da autorrentabilização, seria, portanto, o fator-chave do sucesso, tanto do indivíduo trabalhador quanto da empresa (GAULEJAC, 2007; BAUMAN, 2011). Trabalhar é produzir-se, ou seja, o operador deve doar-se ou entregar-se de maneira contínua à gestão, produzindo-se como sujeito para assumi-la. É o advento do autoempreendedor, em que o trabalhador atua como empreendedor, seja qual for o seu estatuto, na gestão das suas capacidades, que são consideradas o seu capital fixo. O indivíduo torna-se, pois, uma empresa (GORZ, 2005).

O autoempreendedor (GORZ, 2005), o empreendedor de si, o gestor de si (GAULEJAC, 2007) ou o trabalhador autônomo (LAZZARATO; NEGRI, 2001) fundamentam carreiras tanto de quem é dono do um negócio quanto de quem é empregado em organizações. Isso ilustra a argumentação de que o trabalho imaterial tende a ser hegemônico (LAZZARATO; NEGRI, 2001) no capitalismo flexível e globalizado (HARVEY, 2017).

Ao trazer para o contexto de migrantes e refugiados, empreender(-se) na lógica do trabalho imaterial distancia-se do sentido de empreendedorismo comumente associado à ótica gerencialista que, segundo Gaulejac (2007), evidencia o empreendedor como modelo de uma sociedade de sucesso, ligado às mais sofisticadas ferramentas de planejamento e cálculo de

riscos e custos de um negócio inovador. Empreender(-se) aproxima-se de empenhar a vida como alternativa de trabalho em busca de um devir, mesmo que inconsciente. Nesse sentido, argumenta-se que empreender(-se) para migrantes e refugiados inclui a mobilização de si para a criação de modos de trabalhar no país de destino que reúnem especificidades da migração, do refúgio e dos seus países de origem.

MÉTODO CARTOGRÁFICO

A cartografia é um método de pesquisa qualitativo para acompanhar processos de produção de subjetividades (PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2015). Na Administração, Weber, Grisci e Paulon (2012, p. 841) alertam que poucos estudos apontam a potencialidade deste método, especialmente em relação à área de gestão de pessoas e relações de trabalho. Nessa linha, as autoras encorajam o uso dessa opção metodológica como “alternativa aos métodos tradicionais de pesquisa, contribuindo, dessa forma, para a produção do conhecimento sobre o trabalho no cenário contemporâneo”. Nessa medida, uma vez que esta pesquisa versa sobre modos de singularização de migrantes e refugiados a partir da criação de atividades laborais na perspectiva do trabalho imaterial, a cartografia se apresenta como método coerente e fecundo.

O método cartográfico não se trata de algo prescritivo, mas conta com pistas como referências. Destacam-se como pistas a imersão do cartógrafo em um território e a pesquisa-intervenção (PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2015). A cartografia se apoia no conceito de território de Deleuze e Guattari – território que preza pela expressividade, pelos personagens rítmicos e pelas paisagens melódicas (ALVAREZ; PASSOS, 2015). Já a pesquisa intervenção condiz com o processo em que o pesquisador, o objeto e os sujeitos de pesquisa interagem e produzem efeitos na investigação (PASSOS; BARROS, 2015).

O território de pesquisa constitui-se do cenário de migração e refúgio do município brasileiro de Porto Alegre no Rio Grande do Sul e a pesquisa intervenção que sustentou os procedimentos de produção de dados ocorreu em três partes, entre janeiro de 2017 e dezembro de 2019. Tais partes não são subsequentes, ocorreram de forma simultânea de forma a acompanhar a processualidade do território.

A primeira parte dos procedimentos de produção de dados se refere à realização de observação-participante e de diários de bordo em 36 eventos-atividades de cunho acadêmico, político, social e/ou cultural a respeito do tema migração e refúgio. É fruto de uma experimentação como *flâneur-cartógrafa*, por uma das pesquisadoras, vivenciada na capital gaúcha, abrindo caminhos para as demais partes. Conforme Romero e Zamora (2016, p. 457) “em suas caminhadas pela cidade o *flâneur-cartógrafo* vê, cheira, apalpa, encosta, pega e prova da urbe com seu corpo aberto à percepção das variações intensivas”.

A segunda parte se refere a cinco entrevistas abertas com informantes-chave, os quais são membros de organizações religiosa, da sociedade civil, da universidade e do poder público. Elas foram realizadas em um formato de conversa com enfoque nas experiências de trabalho dos informantes e nas suas áreas de atuação com migrantes e refugiados e com vistas à indicação de migrantes e refugiados que trabalham fazendo uso de referências de seu país.

E a terceira parte se refere a entrevistas abertas com migrantes e refugiados e à observação-participante de suas atividades laborais de forma presencial (em seus locais de trabalho/residência e/ou eventos-atividades) e virtual (redes sociais da internet, como Facebook e Instagram, e WhatsApp). As entrevistas abrangeram experiências que compõem a vida desde o país de origem até o momento atual no Brasil. Cabe ressaltar que além das entrevistas formais, a presença nos eventos-atividades permitiu vários encontros e conversas informais com os entrevistados, registrados em diário de bordo. Isso permitiu o estabelecimento gradual do ethos da confiança necessário na cartografia e a participação engajada e efetiva dos migrantes e refugiados em todo o processo de pesquisa.

Participaram da pesquisa 16 migrantes econômicos e refugiados, independentemente de sexo, com as seguintes características: (i) são nativos de países do sul global; (ii) migraram ao Brasil em situação de incerteza; (iii) moram e trabalham no município de Porto Alegre ou na região metropolitana; e (iv) trabalham, atualmente, em atividade que usa referências de seu país de origem. O Quadro 1 apresenta os participantes identificados pelos nomes dos principais rios de seu país, aludindo, assim, aos fluxos, aos movimentos, aos deslocamentos.

Quadro 1: Apresentação dos migrantes e refugiados

Participante	País de origem	Sexo	Idade	Estado civil	Tempo no Brasil	Formação no país de origem	Primeiras experiências de trabalho no Brasil	Referência do seu país no trabalho atual
Orinoco	Venezuela	M	48	Casado com filhos	1 ano e 7 meses	Técnico em metalúrgica (torneiro metal-mecânico).	Pedreiro – serviços de pintura, solda, madeira, pisos.	Alimentação
Unare		F	18	Solteira	10 meses	Ensino Médio; Formação em danças tradicionais.	Começou a trabalhar diretamente com as danças tradicionais.	Dança
Arauca		F	41	Casada com filhos	10 anos	Graduação em Administração.	Auxiliar em escritório na área de propriedade intelectual.	Alimentação
Tuy		F	50	Divorciada	8 meses	Graduação em Contabilidade. Pública e Mestrado Finanças.	Professora particular de espanhol.	Idioma
Artibonite	Haiti	M	32	Casado com filho	6 anos e 6 meses	Cursos de qualificação: informát. gestão de projetos, administração, fotografia, decoração.	Separador, conferente, balconista, faturista em fábricas (de bicicletas; peças de ferro; ar condicionado)	Representação político-cultural
Estère		F	42	Solteira	6 anos e 6 meses	Técnico em Contabil.; Graduação em Gestão Econômica e em Pedagogia.	Limpeza; Plantação de fumo; Auxiliar de cozinha; Cuidadora de idosa.	Idioma
Autrou		M	22	Solteiro	2 anos e 7 meses	Ensino Médio incompleto. Estava no último ano quando veio para o Brasil.	Jovem Aprendiz na área do curso técnico em um hospital.	Idioma
Eufrates	Síria	M	30	Solteiro com filho	4 anos e 5 meses	Graduação incompleta em Cinema no Qatar.	Confeiteiro e Chef em restaurantes, hotéis, confeitarias.	Alimentação
Orontes		M	32	Solteiro	2 anos	Graduação incompleta em Engenharia.	Confeiteiro em doceria.	Alimentação
Balikh		M	30	Solteiro	2 anos e 9 meses	Graduação incompleta em Administração.	Ajudante em restaurantes e confeitaria.	Alimentação
Khabur		M	21	Solteiro	4 meses	9º ano do Ensino Fundamental.	Começou a trabalhar diretamente na lancheria.	Alimentação
Saloum	Senegal	M	32	Solteiro	10 anos	Ensino Médio.	Fiscalização em frigorífico; Construção civil como aux. adm.	Representação político-cultural
Casamance		M	42	Solteiro com filho	4 anos e 6 meses	Ensino médio incompleto.	Pintor; Auxiliar de cozinha em restaurantes.	Moda
Falémé		M	27	Solteiro com filho	5 anos e 7 meses	Graduação incompleta em Engenharia Elétrica.	Carregador de tapetes; Frentista e caixa em posto de gasolina; Montava pizzas; Motorista de <i>app</i> .	Representação político-cultural
Comoé	Costa do Marfim	M	32	Solteiro	3 anos e 4 meses	Graduação em Música.	Shows em bares; Professor de francês em projeto de refugiados e de ritmos africanos.	Música e Moda
Níger	Nigéria	M	-	Divorciado	8 anos e 7 meses	Músico-aprendiz com a cultura Iorubá. Vem da família do tambor.	Diretor coral africano; Coord. de eventos Câm. Com. Nig-Brasil	Música e Representação político-cultural

Fonte: Dados da pesquisa (2020).

As entrevistas ocorreram nos locais de trabalho, de estudo ou nas residências dos participantes, ou ainda em cafés/restaurantes, conforme disponibilidade de agenda. A duração média das entrevistas foi de uma hora, e a língua utilizada para comunicação foi escolhida pelo entrevistado: espanhol com três venezuelanos; inglês com um sírio; árabe com outros dois sírios (com auxílio de um entrevistado sírio para tradução simultânea português-árabe); e português para os demais. As entrevistas em idioma estrangeiro foram traduzidas para o português e alguns trechos sofreram correção gramatical para melhor inteligibilidade.

A análise dos dados seguiu orientações de Barros e Barros (2013). As gravações das entrevistas dos migrantes, refugiados e informantes-chave contabilizaram, aproximadamente, 20 horas de áudio. Esse material foi transcrito e, juntamente com as anotações em diários de bordo, totalizou 434 páginas. Após as transcrições, áudio e texto foram revisados e, concomitantemente, em um movimento de varredura, já foram extraídos elementos e trechos de falas que, para este artigo, caracterizassem os modos de atuação laboral de migrantes e refugiados a partir da criação de atividades na perspectiva do trabalho imaterial. Os resultados, analisados à luz do referencial teórico, apontam para três conjuntos de modos vernáculos de criação de trabalho imaterial relativos ao empreendedor de si: atividades artísticas, técnico-manuais e comunicacionais.

MODOS VERNÁCULOS DE CRIAÇÃO DE TRABALHO IMATERIAL

Conforme evidenciado no Quadro 1, os participantes da pesquisa, em sua maioria, vieram de seus países de origem com ensino médio ou superior, qualificados e experientes em suas áreas de trabalho. Porém suas primeiras oportunidades de trabalho no Brasil não eram condizentes às suas competências, formações e experiências. Em geral, suas trajetórias laborais ocorreram de modo formal e/ou informal, como empregados e/ou autônomos, em cargos operacionais e temporários nos setores de indústria, comércio, reparação e serviços. As ofertas de emprego disponíveis, muitas vezes com direitos diminuídos, estavam atreladas à imagem individuada de uma mão de obra flexível, com urgência em suprir necessidades básicas (ALTENRIED et al., 2018). Esse cenário põe em evidência a existência de um “mercado de trabalho *para* migrantes e refugiados”, com características de precarização e desvalorização social semelhantes as do mercado evidenciado por Sayad (1979), compreendido, em linha com Guattari e Rolnik (1996), como um modo de individuação da ordem capitalista, que busca manter esses indivíduos nesse espaço.

Os sentimentos de inconformidade e recusa suscitam um traçado de linha de fuga (DELEUZE; GUATTARI, 1996), que se caracteriza pelo momento em que os migrantes e refugiados buscam singularizar seus percursos, no sentido de (re)criar alternativas não previstas (DE GENOVA; GARELLI; TAZZIOLI, 2018). O resgate da atividade profissional ou a criação de um trabalho inédito para si (con)formam essas alternativas, ambas mobilizadas por uma potência de agir afetiva (NEGRI, 2001) e política (MANSANO; CARVALHO, 2015), que coloca em destaque as referências vernáculas dos países de origem dos entrevistados, assim como a própria situação de migração ou refúgio.

A mobilização dos migrantes e refugiados torna-os, então, empreendedores ao criarem alternativas de trabalho condizentes com o ser empreendedor de si, característica consubstanciada ao trabalho imaterial. Ser empreendedor de si (GAULEJAC, 2007) ou ser autoempreendedor (GORZ, 2005), significa produzir a si mesmo para o trabalho, de modo que as diferenças entre indivíduo e empresa sejam suprimidas. Nessa medida, depreende-se que os migrantes e refugiados investem muito de si, da sua cultura de origem e da situação de migração/refúgio em prol da vendabilidade de seus produtos e serviços. E, se o que eles trazem como bagagem cultural é considerado vendável, também o é aquilo que eles são – venezuelanos, haitianos, sírios, senegaleses, marfinense e nigeriano – e a situação em que se encontram – como migrantes ou refugiados.

As atividades que eles desenvolvem situam-se em diferentes áreas em que o trabalho imaterial se evidencia. Os distintos tipos de *savoir-faire*, condizentes ao trabalho imaterial anunciado por Lazzarato e Negri (2001), serviram de base para elaborar três conjuntos de características que marcam a pluralidade e a vernaculidade da atividade-profissão-trabalho dos migrantes e refugiados entrevistados: (i) **atividades artísticas, na perspectiva de expressão histórica-cultural-informativa** – músico, dançarino, ator, produtor musical, professor de instrumentos musicais, professora de dança; (ii) **atividades técnico-manuais, na perspectiva da habilidade-criatividade-imaginação** – cozinheiro, chef-confeiteiro, chef de cozinha, estilista, costureiro; e (iii) **atividades comunicacionais, na perspectiva das relações sócio-político-culturais** – representante (presidente, secretário, gestor cultural) de associação de migrantes do seu país, palestrante da cultura de seu país, professor da sua língua materna, professor da língua nativa do país de destino para compatriotas recém-chegados, tradutor, intérprete, poeta. A delimitação de cada conjunto é apresentada a seguir.

Atividades artísticas na perspectiva de expressão histórica-cultural-informativa

As “atividades intelectuais, no que diz respeito ao conteúdo cultural-informativo”, são nominadas, por Lazzarato e Negri (2001, p. 49-50), como tipos de atividades do trabalho imaterial. A partir da cartografia, acrescentam-se as atividades artísticas, cujos modos de expressão nas áreas da **música** e da **dança** contêm, além de conteúdo intelectual e cultural-informativo, a história dos países dos migrantes e refugiados contada por meio da arte. Essa força de trabalho se caracteriza pela apresentação e aulas de instrumentos, bem como pelas vestimentas, coreografias e músicas típicas da Costa do Marfim, da Nigéria e da Venezuela.

Em relação à música, os migrantes Comoé e Níger eram profissionais da área em seus países. No Brasil, reorganizaram-se em novas parcerias, fazendo apresentações solo ou com novas bandas da cena independente, formadas para tocar sons africanos como o afrobeat e o afrojazz. Suas apresentações envolvem o canto, a dança, a atuação e o manejo de diferentes instrumentos, especialmente os de sopro e de percussão, elementos culturais de seus países de origem. A estratégia era de inserção a conta-gotas:

“Fui oferecendo as oficinas de tambor. Foram só duas ou três pessoas na primeira. Depois produzi um curso de extensão de três meses, aí vieram mais pessoas, algumas já me conheciam, outras já ouviram falar, foi isso. Nesse período, eu estava estudando e conhecendo o sul, o Brasil, como funciona aqui, como que eu posso mostrar minha cultura, para o povo daqui, sem invadir espaço de ninguém, sem ser mal interpretado, busquei esse lado e consegui. Após esse curso que vieram mais pessoas eu criei esse grupo, com esses ex-alunos [...]. Tinha só percussão e voz, cantávamos músicas e tocávamos no tambor. Naquela época usávamos instrumentos brasileiros, afro-brasileiro e congas, vamos dizer assim” (NÍGER).

Manter a originalidade é marca registrada, inclusive, no nome da banda que Comoé lidera, que significa “*a busca na raiz*” no dialeto do seu grupo étnico, os Akan. Segundo ele, tal grupo é “*uma confederação de muitas etnias da Costa do Marfim*”. A alteridade das atividades artísticas é comprovada em suas performances. Nos shows de Comoé e Níger,

“Os holofotes do palco evidenciavam a etnicidade africana do figurino forjada pelo colorido e o geométrico dos tecidos; o movimento livre do músico enquanto segurava o djembê, instrumento que ao ter formato de cálice permite a execução de passos de dança simultânea ao batuque; as expressões faciais e corporais que acompanham o som vibrante emitido pela agilidade da palma das mãos; a prece do cantor aos orixás, enquanto espalhava a fumaça de incenso; a harmonia com os demais músicos brasileiros e a vibração do público que tentava cantarolar as letras em dialeto africano. Comoé e Níger ainda explicam à plateia a origem e o significado das letras, dos gestos, dos passos, dos instrumentos, reverberando, em

um movimento político, a história de seus ancestrais e da (des)colonização da Costa do Marfim e da Nigéria” (DIÁRIO DE BORDO, 03/08/2019).

O hibridismo com a música brasileira ocorre vez ou outra, já que todos os outros componentes das bandas são brasileiros. “*A cultura, a música não tem fronteiras*”, diz Comoé. Essa rede entre nativos e migrantes surge do encontro de interesses de grupos profissionais e de clientes, nesse caso, músicos brasileiros que veem nesse ensejo um laboratório de aprendizagem de ritmos e instrumentos musicais que explicitam a relação histórica entre África e Brasil. Tal novidade valoriza e rentabiliza o trabalho de nativos e migrantes por oportunizar a expansão de suas performances, individual ou coletivamente. Por outro lado, Níger repreende a postura assimilacionista, sem viés crítico que, segundo ele, muitos migrantes adotam para serem aceitos – como indivíduos e trabalhadores – na sociedade de destino. Em geral, os estudos de migração apontam que a sociedade tolera parcialmente o migrante, somente enquanto trabalhador, mas não quanto aos seus modos de expressão e existência plena (SAYAD, 1979; HILARIO et al., 2018). A postura de Níger, ao contrário, é de resistência afetiva e política a esse modo de individuação:

“Muitos africanos acabaram mudando para agradar os brasileiros. Ao invés de eles se colocarem como africanos com a sua cultura, acabam cantando samba, frevo... não! This is not you! Essa não é sua história! Cadê Yorùbá? Cadê sua tradição? Eu vejo africano dançando dança pop, nãoo... até temos influência, tem histórias sobre pop também. Porém, cadê o tradicional que tem dentro do pop? De onde vem a história tradicional, tu sabe? Tu buscou? Isso que vai fazer a diferença, não é você juntando a eles, que vai deixar você: ‘ah agora eles me aceitaram, porque estou fazendo esse tipo de coisa, porque falei que eles são legais, eles vão me aceitar mais’. Não, não são legais, não. Eles me discriminaram, me botaram pra fora, não deixaram eu fazer minhas atividades” (NÍGER).

Na seara da dança, a venezuelana Unare, aos poucos tenta se inserir como professora para crianças, atividade que já exercia em seu país. Em um movimento de rede de cooperação, movido pela situação de refúgio, a chefe da sua mãe disponibilizou para os ensaios uma garagem equipada com espelhos, onde funcionava um antigo salão de beleza. A notícia espalhou-se entre as colegas de sua filha e, aos poucos, a garagem virou uma lotada sala de “*baile*” para crianças.

*“Nas aulas de dança de Unare, o início dos passos era sinalizado pelo ‘uno, dos, tres’ cantarolado em portunhol pela professora e pelas alunas. A batida da música latina não deixava nenhuma criança parada, mesmo nos intervalos. Exceto quando Unare vestia sua saia rodada abaixo do joelho para fazer uma demonstração solo do movimento do “*joropo*”, um dos tipos mais conhecidos da dança tricolor” (DIÁRIO DE BORDO, UNARE, 06/07/2019).*

“Tenho doze gurias e estou ensinando pra elas a cultura do meu país”, diz Unare agenciando a dança à cultura da Venezuela. Sua formação e experiência com as diversas variantes da dança tricolor nacionalista rendeu-lhe a aprendizagem de outros ritmos. Para aproximar-se do público brasileiro, ela mescla *hits* em alta no Brasil e os passos da dança tradicional venezuelana, perfazendo uma fusão das culturas de origem e de destino possibilitada pelo movimento de migração.

Nas atividades artísticas, sobreleva-se a retomada gradual da profissão de Comoé, Níger e Unare, objetivo almejado por eles desde a chegada no Brasil. A (re)inserção nos palcos ocorreu pelo estabelecimento de vínculos com nativos e outros migrantes que reconheceram a notoriedade das performances, o conhecimento, a experiência, a singularidade e a consolidação desses artistas profissionais em suas terras natal.

Os vínculos, formados pela sensibilização com a situação de refúgio e pelo resultado da simbiose entre ritmos, formam um coro polifônico (GORZ, 2005) na rede de cooperação

das atividades artísticas, que ora canta (e dança) em harmonia, ora em cacofonia (BAUMAN, 2011). Os tensionamentos ocorrem devido à resistência em flexibilizar os modos de fazer arte – entre o consentir a mescla de sons e ritmos nacionais e o preservar a autenticidade de seu trabalho, isto é, na própria afirmação de seus modos de ser, afinal, o “trabalho artístico deve buscar, construir, defender e proteger seus próprios fundamentos” (BAUMAN, 2011, p. 53).

Atividades técnico-manuais na perspectiva da habilidade-criatividade-imaginação

Capazes de “unir criatividade, imaginação, trabalho técnico e manual”, “as atividades manuais” consistem em um dos conjuntos de atividades do trabalho imaterial citados por Lazzarato e Negri (2001, p. 50). Nessa perspectiva, os trabalhos dos migrantes e refugiados engendrados na área da **alimentação** e da **moda** são denominados, nessa cartografia, como atividades técnico-manuais na perspectiva da habilidade-criatividade-imaginação. A primeira área se caracteriza pela preparação e venda de produtos alimentícios da Síria e da Venezuela, e a segunda, pelo corte, costura e venda de roupas e acessórios feitos com tecidos africanos.

Os quatro sírios entrevistados já configuravam entre si uma rede de apoio para o refúgio, a qual se expandiu em dois empreendimentos do ramo alimentício, formando uma rede de cooperação produtiva que contempla a família e a nacionalidade. Como uma forma de dar continuidade ao negócio dos pais na Síria, os irmãos Eufrates e Orontes abriram uma confeitaria que, além de doces e tortas em geral, comercializa esfihas e doces sírios com especiarias. Convidado por Balikh por falar bem o português, Eufrates também entrou na sociedade de uma lancheria que tem como carro-chefe o *shawarma*, sanduíche de pão sírio, típico do oriente médio. Khabur, que chegou há menos tempo, é funcionário da lancheria. Em relação aos preparativos para a abertura da confeitaria, Eufrates e Orontes enfrentaram a escassez de recursos financeiros e a dificuldade de encontrar fiador para alugar um estabelecimento comercial, situações típicas de uma sociedade em que reverbera a fragilidade de laços de confiança e compromisso, ainda mais ao se tratar de relações entre “estranhos” (BAUMAN, 2011). “*Como somos novos aqui, é quase impossível encontrar alguém que confie em você, que dê garantias*” (ORONTES).

A culinária também foi alternativa para gerar trabalho a famílias de venezuelanos. Com a chegada recente do irmão e da cunhada, Arauca, que já administrava sua empresa de tradução, queria investir em algo que oportunizasse trabalho para si e para os parentes. Investiu em uma lancheria de cozinha venezuelana, cujo cardápio contempla os famosos *tequeños* e os vários sabores e recheios de uma espécie de panqueca feita de farinha de milho pré-cozida, chamada arepa. “*Eu já estava com essa ideia há bastante tempo [...] de fazer uma coisa assim da família [...] para eles terem um ingresso, terem um trabalho [...] achei que era a oportunidade [...] pessoas de confiança que sabem o que estão fazendo e bem feito*”.

Orinoco e a esposa transformaram a cozinha de sua casa em espaço de trabalho para produzir, por encomenda, desde lanches, como queijo colonial, arepas e *empanadas* (um tipo de pastel) a pratos de almoço, como a “*hallaca, que leva carne de porco, gado e frango envoltas em folha de bananeira*”. Orinoco explica que conhecia, mas nunca tinha feito alguns dos pratos que hoje prepara. Nesse momento, a mobilização das capacidades adquiridas ao longo da vida é fundamental à produção (GRISCI, 2011): “*sempre fui uma pessoa muito, muito criativa. Sempre visitei muitas cidades na Venezuela. Eu gosto da pesca, da agricultura*”. Tais vivências ajudaram-no a encontrar bons fornecedores diretamente em fazendas da região.

“No dia da entrevista em sua casa, fui recebida por sua esposa, sua filha e seus dois netos e ainda pude experimentar a famosa empanada. ‘Essa foi minha filha quem fez. Aqui todos ajudam um pouco, enquanto não conseguem trabalhar fora’, disse Orinoco, enquanto sua esposa armazenava encomendas em uma caixa de isopor. Era mais um dia em que ele ia atravessar a cidade de ônibus para fazer entregas” (DIÁRIO DE BORDO, ORINOCO, 06/07/19).

Ademais, a casa também virou ponto de venda para os principais clientes, os próprios conterrâneos, o que reforça a coexistência da dinâmica da vida pessoal, da convivência familiar e das funções do trabalho em um só tempo e espaço (GAULEJAC, 2007; LAZZARATO; NEGRI, 2001). Para Orinoco e a família, a moradia transforma-se em local de trabalho que “emprega” a todos os membros da família. Assim, o lar no Brasil que se tornou refúgio para a família, também se transformou em refúgio do desemprego.

No tocante à moda, o figurino colorido tipicamente africano usado nos shows de Comoé passou a despertar desejo de consumo no público:

“Cada vez que eu ia tocar, as pessoas queriam comprar as roupas que eu uso né?! Eu vendia as minhas, mas daqui a pouco ia ficar sem roupa (risos). [...] mas vou fazer o seguinte... eu tenho que começar a vender as roupas também. Liguei pra minha mãe me enviar os tecidos. Eu comecei a vender em casa, um tecido, dois, três, quatro, cinco,... e até que começou a crescer” (COMOÉ).

O apoio de parentes e amigos da Costa do Marfim referente à importação de produtos, somado ao crescimento das vendas, possibilitou a abertura de uma loja de tecidos, roupas e acessórios africanos em uma pequena sala de galeria alugada no centro da cidade. Meses depois, o estabelecimento passou a funcionar em um ponto comercial com mais visibilidade. Comoé abre a loja diariamente e, especialmente aos domingos, o movimento é maior. Na vitrine, a diversidade de estampas dos tecidos chama a atenção, e os desenhos, as formas e as cores indicam a origem identitária. Em um dos vídeos divulgados no Facebook da loja, Comoé explica que cada design possui um nome e “*conta uma história, um fato da civilização de um povo africano*”, explicitando estratos sociais, proximidade com o rei, festas, casamentos, dentre outros. Com desenhos geométricos e cores vibrantes o kita, por exemplo, “*vem da minha querida Costa do Marfim. Esse tecido é uma estampa que faz parte da família dos tecidos chamada ‘kita’. É um tecido bem precioso*”, explica ele.

O senegalês Casamance é estilista, possui sua própria marca, e é um dos parceiros que costura para a loja de Comoé, visibilizando a rede cooperativa existente entre migrantes de diferentes nacionalidades. Enquanto Comoé terceiriza a fabricação de roupas e as vende em uma loja física, Casamance possui um ateliê em casa, e vende suas produções na rua, como ambulante, em feiras e em parques. Hoje, expõe suas criações em vasto portfólio no Facebook e Instagram. Ele está sempre alerta aos comentários dos clientes sobre a preferência dos modelos; usa “*só o tecido africano, mas os modelos são do estilo das brasileiras. No Senegal poucas mulheres iriam usar roupas curtas. Roupa curta não usa. Então, na verdade é só os tecidos. Os modelos eu ainda estou conhecendo*”.

Em relação às atividades técnico-manuais, depreende-se que os modos de alimentar do país de origem tornaram-se fonte de trabalho para famílias inteiras. No caso de Eufrates e Orontes, o trabalho com alimentação surgiu como um resgate da profissão herdada das gerações passadas. Para Balikh, Khabur e Orinoco, esse ramo permitiu a sobrevivência e, para Arauca, a alimentação aparece como possibilidade de gerar emprego para os familiares recém-chegados. A rede de solidariedade sensibilizada pela situação de refúgio e a clientela de nativos fortalecida pelos grupos de refugiados das redes sociais virtuais abriram passagem para a concretização e singularização desses negócios.

Já os modos de se vestir oportunizaram a Comoé um complemento de renda, e a Casamance, o retorno de sua carreira como estilista e costureiro. O estilo de moda africano instigou capacidades moventes, em especial, de migrantes negros e da comunidade negra brasileira com interesse em resgatar e valorizar sua ancestralidade.

Assim, as redes de cooperação atuantes nas atividades técnico-manuais se expandem pelo exercício do afeto (NEGRI, 2001) e da política (MANSANO; CARVALHO, 2015) ao buscarem um lugar de valoração da alimentação e da moda do sul global. Há de se considerar

que, mesmo que haja um apelo para associar a gastronomia e a moda internacional à sofisticação e à rentabilidade, o tipo de experiência de sentar-se à mesa de um restaurante francês ou italiano, por exemplo, ou de comprar uma roupa de marca desses países, distancia-se do padrão atribuído à cozinha venezuelana ou síria e às vestimentas africanas. Na predominância de um cenário em que chefs de cozinha e estilistas renomados se apresentam com nomes associados a países do norte global, é expressão de resistência da classe política migrante (CORSINI, 2007) valorizar tais profissionais do sul global.

Atividades comunicacionais na perspectiva das relações sócio-político-culturais

As atividades de relações sociais, segundo Lazzarato e Negri (2001, p. 50), configuram-se em um conjunto de atividades de trabalho imaterial voltadas à “estruturação da cooperação social”. Nesta cartografia, incrementam-se as atividades comunicacionais na perspectiva das relações sócio-político-culturais, as quais se referem a trabalhos relativos a **idioma e representação político-cultural**. O idioma diz respeito a aulas de francês ministradas por haitianos e a aulas, traduções escritas e interpretações orais de espanhol para negócios realizadas por venezuelanas. Já a representação político-cultural se refere às atividades realizadas por associações de migrantes do Haiti e do Senegal e por palestras e cursos sobre a cultura e a história de grupos étnicos e de países africanos.

O uso da língua materna se mostrou possibilidade de trabalho pela busca dos brasileiros que têm interesse em aprender um novo idioma para fazer turismo internacional, para passar em provas ou para melhorar o desempenho profissional. Esse é o perfil dos alunos de Autrou e Tuy, que fazem aulas particulares na casa dos migrantes ou em grupos, em cursinhos ou em espaços em parceria com o setor público. Para o haitiano e a venezuelana, as aulas de francês e de espanhol foram ideias apresentadas por amigos, o que soou como uma alternativa possível paralela a outras atividades (de trabalho ou estudo). No entanto, a atividade exige deles muita preparação, já que se trata de novidade como atuação profissional. *“Uma coisa é saber falar a língua, outra é ensinar. Nunca planejei ser professora de espanhol, mas aqui estou, tentando fazer o melhor que eu posso, o melhor possível e, sobretudo, aprendendo muito”*, relata Tuy. Ademais, a aula de um idioma envolve a aprendizagem da cultura e história do país e, no caso do professor migrante ou refugiado, também envolve certo fascínio por seu percurso de vida (em especial, pelo deslocamento). *“Eles têm muita curiosidade sobre mim. Conversamos bastante. [...] quando dou o exemplo da minha vida, eles ficam encantados ouvindo”*, afirma Estère, que retomou a sua profissão e dá aula para adolescentes em um curso particular.

Outra atividade laboral que se configurou como oportunidade para duas venezuelanas foi a atuação como consultoras, intérpretes e tradutoras de espanhol para negócios. Tuy, que está no início da trajetória de uma empresa em sociedade com um amigo venezuelano, considera que há mercado para atender tanto instituições públicas como privadas. *“O Brasil é um país que, devido ao Mercosul, se vê muito integrado ao latinoamericano. Então, ajuda muito para eles falar espanhol”*, pondera ela, fazendo uma análise de prospecção de mercado. Arauca já está no mercado há cinco anos. Começou em casa, fazendo traduções de documentos e websites em espanhol, contando com a revisão de seu marido brasileiro. Com o tempo, a rede de contatos com profissionais da área brasileiros e migrantes foi se expandindo e, atualmente, ela já atende demandas em inglês, espanhol, italiano, alemão, francês e turco.

No tocante à **atuação política**, Saloum e Falémé trabalham na associação de senegaleses, e Artibonite e Autrou, na de haitianos. Também se considera como atuação política as vivências de Níger e as palestras ministradas por ele sobre a cultura Yorùbá, bem como as comunicações de Falémé sobre a cultura do Senegal e a história da África.

As associações nascem de uma necessidade de organização e cooperação entre os compatriotas. O engajamento e a pró-atividade direcionada à causa, somados ao tempo de

imigração e à fluência em português, foram elementos que definiram as lideranças da associação:

“Associação foi criada em 2014 para 2015. Naquela época estava chegando uma grande quantidade de senegaleses. O governo do Acre tinha convênio com o do Rio Grande do Sul, então sempre que chegava senegalês ali na rodoviária, eles me chamavam pra ir ajudar, pra ser intérprete. Numa dessas, o pessoal sentou e decidiu. Eu não estava nem lá. Aí decidiram criar uma associação e me disseram que pra ajudar não tinha melhor do que eu. Aí nasceu a Associação. Naquele mesmo dia me obrigaram a ser presidente (risos)” (SALOUM).

As associações têm ampla atuação, e dentre as suas atribuições estão o apoio a migrantes e refugiados no momento da chegada; a organização de eventos culturais e esportivos; o encaminhamento de currículos; a divulgação de ofertas de trabalho; e a representação ativa em eventos políticos, sociais, culturais e acadêmicos. Desse modo, funcionam como uma rede de acolhimento e proteção, impulsionando novas formas de organização. Não se isolam em guetos, ao contrário, buscam se integrar com a sociedade de destino por meio de ações ativas e in(ter)ventivas. Os presidentes Saloum e Artibonite são presenças constantes nos eventos-atividades, sempre em ampla defesa dos direitos dos migrantes, buscando um canal aberto com a sociedade. As associações não preveem remuneração para seus membros, mas retribuem em forma de expansão de rede de contatos, de aperfeiçoamento constante da compreensão do *modus operandi* da sociedade brasileira e de divulgação dos demais trabalhos dos integrantes. Saloum, por exemplo, conta que abriu uma microempresa de serviços de construção ao observar as competências individuais dos componentes da rede ali formada. Ele narra que, em um encontro da associação, perguntou:

“você é o que? Eu sou eletricitista. E você é o que? Eu sou hidráulico, o outro é pedreiro. Então eu disse que a empresa podia ser criada a partir de hoje. Aí nasceu a ideia de criar a empresa. A partir das habilidades de cada um. Muitas vezes a gente sabe mais do que quem estava nos contratando” (SALOUM).

O nome da empresa explicita que se trata de grupo africano, cuja sigla alude a uma palavra no dialeto senegalês (*wolof*) relativa à qualidade e agilidade nos serviços. Identificada a origem dos fundadores, tal estratégia dá visibilidade às novas formas de organização para o trabalho dos migrantes, gerando valor ao negócio, tanto que a empresa geralmente é citada nos eventos-atividades como exemplo de empreendedorismo imigrante.

Das atividades comunicacionais, depreende-se que, seja por oportunidade e/ou necessidade, os saberes relativos aos modos de ser nacional de determinado país foram tomados como formas de trabalho. A subjetividade construída ao longo de toda a vida e exercida durante toda a existência dos migrantes e refugiados, seja pelo idioma, pelos hábitos e pelos costumes, tornou-se recurso genuíno, distinto e singularizante, creditado por uma rede de amigos e familiares, de colegas de estudo e de profissão, de conterrâneos e de brasileiros.

Para Tuy e Autrou, essa foi a alternativa mais próxima de suas experiências ou habilidades; para Estère, representou a (re)inserção profissional na sua área de formação; para Saloum, Falémé e Níger, foi a maneira encontrada para apresentar suas origens, mudar a visão estereotipada dos brasileiros e interceder pelos direitos de seus compatriotas.

É preciso, ainda, explicitar um quarto conjunto de atividades do trabalho imaterial mencionado por Lazzarato e Negri (2001), as **atividades empreendedoras relativas à capacidade de gestão**, as quais são marcadas pelas seguintes atividades-profissões-trabalhos dos migrantes e refugiados: empresário, gestor, profissional autônomo, feirante, consultor e proprietário de negócio. Isso significa que todos os participantes atuam como empreendedores de si em prol de seus trabalhos e mobilizam a si para a concretização de toda a cadeia produtiva de seus negócios. Logo, esse conjunto perpassa todas as atividades dos migrantes e refugiados mencionadas (artísticas, técnico-manuais e comunicacionais).

DISCUSSÃO: um olhar sobre o empreender(-se) de migrantes e refugiados

“A visão que se tem da gente é muito de mídia. Vamos dar um reset! Vamos reiniciar tudo. Então eu busco através da música, da contação de história, mostrar que não é isso que o povo está vendo na TV [...] O que a gente tem que fazer é, cabeça pra cima. Segue e tentar desconstruir isso, fazendo coisas que tu sabe fazer, que vem de sua origem. [...] Mas é difícil, então eles [amigos membros de uma ONG cultural] me orientaram muito, abrindo a rede deles para me ajudar” (NÍGER).

As palavras de Níger dão forma ao pensamento de Deleuze e Guattari (1996, p. 53) que dizem que “a arte nunca é um fim, é apenas um instrumento para traçar as linhas de vida”. Estende-se a ideia de arte dos autores às atividades do trabalho imaterial – artísticas, técnico-manuais e comunicacionais – desenvolvidas pelos migrantes e refugiados. Tais atividades se revelam como alternativas traçadas por linha de fuga (DELEUZE; GUATTARI, 1996) em busca, sobretudo, de valorização pessoal e profissional, já que a imagem que eles têm de si não corresponde aos padrões individuantes, normatizados e ofertados pelo mercado (ALTENRIED et al., 2018; GUATTARI; ROLNIK, 1996). As atividades empreendedoras relativas à capacidade de (auto)gestão atreladas às redes cooperativas operacionalizam esses trabalhos e oferecem, por um lado, a sensação de liberdade e autonomia e, por outro, a responsabilização por todo o ciclo de produção de produtos ou serviços, o que visibiliza as múltiplas e contraditórias facetas do trabalho imaterial.

O cenário que levou os migrantes e refugiados à alternativa do empreender(-se) não é descolado do que induz os nativos ao mesmo caminho. A flexibilização das leis trabalhistas, o aumento de subcontratação, o subemprego, o emprego temporário e o desemprego (HARVEY, 2017) avançam a ponto de faltarem alternativas dignas aos indivíduos em condições mais vulneráveis (BAUMAN, 2011). Apesar da equidade de direitos laborais entre estrangeiros e nativos no Brasil, pesquisas denunciam que a maior vulnerabilidade recai sobre os migrantes e refugiados do sul global (MARINUCCI, 2017; SIMÕES; CAVALCANTI; PEREDA, 2019). Trabalhar por conta própria se torna, então, uma alternativa que ultrapassa a ideia de empreender no sentido gerencialista, e ganha contornos do empreender a si mesmo, característico do trabalho imaterial. Os dispositivos midiáticos e governamentais estimulam esses modos autogerenciais de trabalhar, conferindo prestígio e status ao (micro)empresário.

Nesse sentido, os migrantes e refugiados significaram em seus relatos a importância de não serem vistos de modo individuado, diminuídos a seres que precisam de caridade e, por isso, capazes de se sujeitar às posições de trabalho mais precarizadas, mas como indivíduos que produzem e contribuem para a economia do país de destino. Essa mudança de imagem faz brotar uma alentadora sensação de escape dos poderes dominantes, mesmo que, conforme Negri e Hardt (2001), não seja possível fugir das forças capitalistas, que não seja possível ficar do lado de fora. Contudo, tem-se por base o princípio de que as lutas são sempre anteriores ao desenvolvimento capitalista e de que a inovação, antes de ser técnica, é sempre social (NEGRI; COCCO, 2005).

Seja por oportunidade e/ou por ser a única alternativa viável à sobrevivência, a conexão com as raízes se mostra a principal engrenagem dos trabalhos dos migrantes e refugiados entrevistados como caminho à valorização de si, gerando um processo de transição de subjetividade que produz diferenciação em termos mercadológicos e singularização em termos sociais. Tanto para os que resgataram a sua atividade profissional quanto para aqueles cuja atividade laboral atual mostra ineditismo, a essência da atividade em si já lhes era conhecida e, mais do que isso, eles já a vinham exercendo ao longo de sua existência. Tais saberes perpassam conhecimentos não necessariamente formalizados ou codificados, mas atrelados a seus próprios modos de ser. Por estarem inscritos no próprio indivíduo, fazem com que ele produza outras formas de se relacionar com o trabalho, estabelecendo relações afetivas e políticas, circunscritas em atitude de Multidão (HARDT; NEGRI, 2005; CORSINI,

2007; MEZZADRA, 2012; NEGRI, 2018). Isso ocorre sem ignorar o contrapeso da relação econômica e legal, inerentes à sobrevivência e à segurança do estrangeiro. Percebe-se que esse modo de trabalhar só é empenhado por parte dos migrantes e refugiados em geral, o que não significa que os que hoje investem nessa proposta não voltem à zona de inserções laborais como mão de obra barata e flexível.

Ampliando a noção de que o conhecimento gera valor (GORZ, 2005), o misto de ser (nacional de determinado país), estar (migrante ou refugiado) e ter/produzir (produtos ou serviços simbólicos) (con)formam uma espécie de “capital imaterial” (GORZ, 2005, p. 29) que só passa a existir quando o indivíduo atravessa fronteiras. O trabalho é reconhecido como imaterial quando a subjetividade se encontra na base fundamental do seu ciclo de produção (LAZZARATO; NEGRI, 2001). Como os migrantes e refugiados do sul global geralmente não passam despercebidos aos olhos dos nativos, esse reconhecimento é facilitado. Características culturais, costumes e hábitos nacionais causam a sensação de alteridade, mas também produzem estranheza, encantamento, choque cultural ou sentimentos mais extremos, como aversão e rejeição. Em linha com Pelbart (2013), pode-se dizer que é nesse encontro com a alteridade que um sujeito é afetado, que tem extraída a sua potência e a capacidade de produzir diferenciação e de formar novos territórios existenciais.

Empreender(-se) inscreve-se na lógica da micropolítica, suscitando atos de pequenas resistências singularizantes em resposta aos jogos de individuação (GUATTARI; ROLNIK, 1996) que buscam deixar migrantes e refugiados em espaço de subalternidade. Nesse processo, percebe-se o engendramento de outro mercado de trabalho para migrantes e refugiados, vinculado ao afeto e à política, distinto do postulado por Sayad (1979). Conforme Altenried et al. (2018), é justamente este um dos objetivos da Autonomia das Migrações: dar luz aos processos de reivindicação e (re)constituição contínua do mercado de trabalho de migrantes. Acompanhando as transformações do capitalismo flexível e globalizado, presenciou-se, nesta cartografia, um mercado de trabalho de migrantes e refugiados do sul global no Brasil que compõe, simultaneamente, vida e trabalho. Tal característica é inerente ao trabalho imaterial, que é capaz de explorar riquezas, mas também, de (re)inventar a vida.

Limitações e direções para futuros estudos

Como limitação e, ao mesmo tempo, como desafio comum que envolve pesquisas realizadas com migrantes e refugiados, ressalta-se a comunicação em idioma estrangeiro. Há o risco de se perder minúcias, nuances, expressões, sentimentos que são melhor externalizados na língua materna. Isso vale tanto para entrevistados que dialogavam em português quanto para a cartógrafa, que realizou entrevistas em inglês, espanhol e francês.

Para estudos futuros, destacam-se sugestões a fim de ampliar o conhecimento referente à migração/refúgio e às atividades relativas ao trabalho imaterial, tais como: (i) o aprofundamento sobre as nuances das redes de cooperação vinculadas à nacionalidade/etnia/ancestralidade, como a relação entre africanos de diferentes países e brasileiros do movimento negro; (ii) a intersecção entre os marcadores sociais de diferença, como gênero, raça, classe, etnia/nacionalidade; (iii) a revisitação da literatura sobre empreendedorismo étnico, empreendedorismo imigrante e empreendedorismo cultural; (iv) os formatos de trabalho imaterial de migrantes e refugiados vinculados a organizações com práticas de incentivo à diversidade e interculturalidade; e (v) o processo contínuo de (re)invenção de si diante da crise econômica agravada pela pandemia do coronavírus (COVID-19).

Implicações práticas

Esta pesquisa tem implicações para as organizações e para os formuladores de políticas públicas que vislumbram investir no potencial histórico, cultural, informativo,

criativo, social, afetivo e político das atividades laborais dos migrantes e refugiados empreendedores (de si). Em relação às organizações, pondera-se que embora haja movimento de contratação de migrantes e refugiados, as competências, formações, referências dos países de origem e a própria situação de migração/refúgio desses indivíduos não são valorizadas. Políticas de diversidade e de interculturalidade nesta direção podem ser fator importante para a permanência de migrantes e refugiados nas organizações, culminando em modos de singularização tanto para eles, quanto para as organizações, por meio de práticas inclusivas de gestão de pessoas e de relações de trabalho.

Em relação às políticas públicas, sugere-se aos seus formuladores que se concentrem nas atividades do trabalho imaterial dos migrantes e refugiados relativas à música, dança, alimentação, moda, idioma e representação político-cultural, afinal seus empreendedores são participantes ativos da economia local, conectando-as à economia global. Tal função é crucial e urgente, sobretudo no atual momento que as estratégias de produção de suas atividades laborais estão limitadas devido à necessidade de isolamento social em função da pandemia.

Conclusão e contribuição teórica

A mobilização dos migrantes e refugiados em rede de cooperação destaca as referências vernáculas e a própria situação de migração ou refúgio, tornando esses indivíduos empreendedores de si, o que condiz com a noção de trabalho imaterial específica ao estrangeiro, avançando a compreensão desse conceito e ampliando a perspectiva teórica da Autonomia das Migrações. Nesse processo, percebe-se um movimento de singularização que diz do engendramento de um novo “mercado de trabalho *para* migrantes e refugiados”, vinculado ao afeto e à política, distinto do postulado por Sayad (1979) e condizente à tendência hegemônica do trabalho imaterial e à abordagem autonomista. Migrantes e refugiados percebem, nas atividades artísticas, técnico-manuais e comunicacionais do trabalho imaterial, outras formas de viver, de sentir, de se envolver na vida já existente e, ao mesmo tempo, continuar em deslocamento, provocando outros devires e, assim, a (re)invenção de si no país de destino.

REFERÊNCIAS

- ALTENRIED, M.; BOJADŽIJEV, M.; HÖFLER, L.; MEZZADRA S.; WALLIS, M. Logistical Borderscapes: Politics and Mediation of Mobile Labor in Germany after the “Summer of Migration”. **The South Atlantic Quarterly**, v. 117, n. 2, p. 291-312, abril 2018.
- ALVAREZ, J.; PASSOS, E. Pista 7 – Cartografar é habitar um território existencial. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. da (Org.). **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2015. p. 131-149.
- BAUMAN, Z. **Vida em fragmentos: sobre a ética pós-moderna**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.
- BARROS, L. M. R.; BARROS, M. E. B. O problema da análise em pesquisa cartográfica. **Fractal: Revista de Psicologia**, v.25, n.2, p.373-390, 2013.
- BRASIL. Ministério da Justiça e Segurança Pública. **Refúgio em números 2010-2017**. 3ª ed. 10/05/18. Disponível em: <https://www.justica.gov.br/seus-direitos/refugio/refugio-em-numeros>. Acesso em: 10/05/2018.
- COCCO, G. Introdução. In: LAZZARATO, M; NEGRI, A. **Trabalho Imaterial: formas de vida e produção de subjetividade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- CORSINI, L. F. **Êxodo Constituinte: Multidão, Democracia e Migrações**. 2007. 226 f. Tese (Doutorado em Serviço Social). Progr. de Pós-graduação em Serviço Social, Escola de Serviço Social (Departamento de Métodos e Técnicas), Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.
- DE GENOVA, N.; GARELLI, G.; TAZZIOLI, M. The Autonomy of Migration within the Crises. (Introduction). **South Atlantic Quarterly**, v. 117, n. 2, special issue, p. 1-34, 2018.

- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia**. V.3. São Paulo: Ed 34, 1996.
- GAULEJAC, V. **Gestão como doença social: ideologia, poder gerencialista e fragmentação social**. Aparecida/São Paulo: Ideias & Letras, 2007.
- GORZ, A. **O Imaterial: conhecimento, valor e capital**. São Paulo: Annablume, 2005.
- GRISCI, C. L. I. Trabalho Imaterial. In: CATTANI, A. D.; HOLZMANN, L. **Dicionário de Trabalho e Tecnologia**. Porto Alegre: Zouk, 2011.
- GUATTARI, F.; ROLNIK, S. **Micropolítica: cartografias do desejo**. Petrópolis: Vozes, 1996.
- HARDT, M.; NEGRI, A. **Multidão: guerra e democracia na era do Império**. Rio de Janeiro: Record, 2005.
- HARVEY, D. **Condição Pós-Moderna**. São Paulo: Edições Loyola, 2017.
- HILARIO, C.T.; OLIFFE, J.L.; WONG, J. P.; BROWNE, A. J.; JOHNSON, J. L. “Just as Canadian as Anyone Else”? Experiences of Second-Class Citizenship and the Mental Health of Young Immigrant and Refugee Men in Canada. **American Journal of Men’s Health**, v.12, n.2, p.210–220, 2018.
- IOM. International Organization for Migration. **International Migration Law - Glossary on Migration**. Geneva, Switzerland: International Organization for Migration, 2019.
- LAZZARATO, M.; NEGRI, A. **Trabalho Imaterial: formas de vida e produção de subjetividade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- MANSANO, S. R. V.; CARVALHO, P. R. Políticas de subjetivação no trabalho: da sociedade disciplinar ao controle. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 20, n. 4 p. 651-661, out./dez. 2015.
- MARINUCCI, R. Migrações e trabalho: precarização, discriminação e resistência (Edit.). **REMHU, Revista Interdisciplinar de Mobilidade Humana**, Brasília, v. 25, n. 49, p. 7-11, apr. 2017.
- MEZZADRA, S. Multidão e migrações: a autonomia dos migrantes. Trad. Leonora Corsini. **ECO-PÓS: Revista do Programa de Pós-Graduação da Escola de Comunicação da UFRJ**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 2, p. 70-107, 2012.
- NEGRI, A. **Exílio seguido de valor e afeto**. São Paulo: Iluminuras, 2001.
- NEGRI, A. **Travail Vivant contre capital**. Paris: Les éditions sociales, 2018.
- NEGRI, A.; COCCO, G. **Glob(AL): biopoder e luta em uma América Latina globalizada**. Rio de Janeiro: Record, 2005.
- NEGRI, A.; HARDT, M. **Império**. trad. Berilo Vargas. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- PASSOS, E.; BARROS, R. B. Pista 1 - A cartografia como método de pesquisa-intervenção. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (orgs.). **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2015, p. 17-31.
- PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (Org.). **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2015.
- PELBART, P. P. **O avesso do niilismo - Cartografias do esgotamento**. São Paulo: N-1 Edições, 2013.
- ROMERO, M.L.; ZAMORA, M.H. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v.21, n.3, p.451-461, jul/set 2016.
- SAYAD, A. **Imigração ou os paradoxos da alteridade**. São Paulo: EDUSP, 1979.
- SIMÕES, A.; CAVALCANTI, L.; PEREDA, L. Movimentação do Trabalhador Migrante no Mercado de Trabalho Formal. In: CAVALCANTI, L.; OLIVEIRA, T.; MACEDO, M. **Imigração e Refúgio no Brasil. Relatório Anual 2019**. Série Migrações. Observatório das Migrações Internacionais; Min. da Just. e Seg. Púb./Cons. Nac. de Imigração e Coord. Geral de Imigração Laboral. Brasília, DF: OBMigra, 2019.
- UNHCR, The United Nations Refugee Agency. **Global Trends - Forced Displacement in 2019**. UNHCR, 2019.
- WEBER, L.; GRISCI, C. L. I.; PAULON, S. M. Cartografia: aproximação metodológica para produção do conhecimento em gestão de pessoas. **Cadernos EBAPE.BR**, v.10, n.4, p. 841-857, 2012.